

Apresentação

Neste número, escolhemos, dentre os trabalhos selecionados após análise, um conjunto de artigos em que a diversidade de pontos de vista teóricos e de temas oferecem ao leitor um quadro bastante heterogêneo, um quadro em que aspectos relevantes da narrativa, da fotografia, do cinema, do *design*, da retórica e da televisão são abordados criteriosamente. Pode-se dizer que, nos trabalhos aqui reunidos, dois eixos fundamentais ganham destaque: o da significação e o da enunciação. Entretanto, o que nos parece mais específico é que, como em números anteriores da Revista, neste as idéias dos autores, também se integram e, em certa medida, reiteram, a partir de pressupostos diferentes, perspectivas que definem seus respectivos pontos de fuga num domínio semântico em que os vínculos da significação com a enunciação se fazem sensíveis. Isso ocorre até em trabalhos cujas formulações e assuntos se afiguraram como distantes, caso, para citar um exemplo, do texto de Raymundo Mier sobre a fotografia de Norma Patiño, destacada artista mexicana que, a nosso ver, prolonga a tradição criada por Alvarez Bravo, e as considerações de Kinkenberg sobre o papel argumentativo da metáfora: se o primeiro busca, na interpretação das fotos, a significação do corpo, o segundo, por sua vez, procura mostrar como os processos retóricos são o corpo da enunciação. Por outro lado, a narratividade, tal qual definida por Bertand, mantém pontos de contato com os níveis de significação analisados por Ferreira. E, ainda, como espelhos desses mecanismos de integração, no conceito de *design* defendido por Quadros não só se reflete a questão da heterogeneidade semiótica dos textos visuais e mediáticos, mas também essas miragens intertextuais de que se vale a pós-modernidade nos traços isolados por Pucci em sua leitura de *O Quinto dos Infernos*. Some-se a tudo isso, o fato de que dois textos diferentes, o de Fischer e o de Furuiti, mesmo que se ancoram em premissas distintas, ambos lidam com o texto fílmico, deixando de lado o que seria uma interpretação sociológica do texto cinematográfico. O trabalho de Marie é panorâmico, mas não deixa

de ser oportuno neste momento em que a *Nouvelle Vague* vem sendo retomada pelos estudiosos do cinema. Enfim, a Revista, mantendo seu compromisso com o estudo das relações entre linguagens verbais e não-verbais, incorporou também o estudo dedicado a essa questão: o artigo de Arnaldo Cortina.

Os Editores